
Cine Escola Guarujá: relatos metodológicos de um aprendizado colaborativo¹

Fernanda DE ABREU²

Julia DE SÁ³

Joel Felipe GUINDANI⁴

Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, RS

Introdução

O presente texto relata alguns dos resultados obtidos de um processo metodológico do Projeto de extensão “Cine Escola Guarujá: nossa cultura em projeção” protagonizado por um coletivo de docentes, discentes e pesquisadores do Laboratório de investigação em Imagem (Lii – @lablii_ufsm), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – campus Frederico Westphalen/RS). O referido Projeto de extensão destina-se à alfabetização audiovisual, ao acesso e aprendizado tecnológico para os alunos da rede municipal de Guarujá do Sul, oeste catarinense. Por meio de oficinas, resulta a produção de ensaios fotográficos e dois curtas-metragens de gênero documentário, os quais serão exibidos na I Mostra de cinema de Guarujá do Sul.

No momento desta escrita, o referido projeto se encontra em execução, especificamente em duas escolas públicas: Núcleo Municipal Arco Íris na linha Pessegueiro, e outra que se localiza no centro da cidade, e conta com a participação de 30 alunos. O projeto prevê a realização de dez oficinas, que vão desde a proposição de estudos sobre a história do cinema, dos gêneros cinematográficos, concepção de roteiro, até a produção de imagens com câmeras semiprofissionais e a decupagem do roteiro.

Na sequência, o presente texto aborda a educomunicação na perspectiva do olhar para a construção de metodologias ativas, críticas e que requerem um constante refazer, de acordo com o processo de sua implementação, de tentativa e erro, de acerto e revisão. Ainda, pondera sobre este processo metodológico capaz de provocar o entendimento de um fazer cinema

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Comunicação Audiovisual, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo UFSM, email: fernanda.abreu@acad.ufsm.br

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo UFSM, email: julia.sa@acad.ufsm.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas UFSM, email: joel.guindani@ufsm.br

acessível, como dispositivo de experimento, de intervenção social e de ressignificação do uso das tecnologias digitais.

Posteriormente, relata algumas experiências dos primeiros passos da construção metodológica, os quais se deram a partir de provocações sobre o entendimento do cinema para além do produto ou do filme visando uma única exibição. A perspectiva do cronograma de oficinas, pondera sobre as primeiras atividades, as quais foram desenvolvidas seguindo um trajeto mais voltado ao protagonismo crítico, na perspectiva de se observar o cinema como lugar acessível e democrático. O referido texto, acerca-se do exemplo de uma das atividades desenvolvidas nos primeiros momentos, uma roda de conversa, que provocou o olhar dos alunos para o cinema como um espaço aberto, de experimento e de criatividade que ocorre em todo o processo de construção do filme. A partir de questões projetadas na tela, e exemplificadas com a exibição de filmes, essa experiência evidencia a discussão sobre a arte cinematográfica como um lugar de interação entre os sujeitos que a produzem.

O cinema como lugar de experimento

O presente artigo busca elucidar a trajetória percorrida pelos alunos que une o cinema com estratégias educacionais através da educomunicação. Entre os diversos aspectos que amparam as atividades, estão a utilização do cinema como uma representação simbólica e, tratando-se do caráter experimental que orienta o projeto, esse local também é voltado para o fazer científico que consiste nos processos de erros, acertos, e principalmente a experimentação do processo. A constituição histórica do cinema também pode ser observada por vários experimentalismos. As primeiras obras, antes de serem intencionais, foram experimentais e, por esse caminho, o cinema sempre se apresentou como uma linguagem provocativa à criatividade.

Quando o termo “cinema” é acionado, a representação simbólica é ligada às grandes produções cinematográficas, entretanto, quando trata-se de um projeto de extensão universitária a qual acontece junto ao ambiente escolar, essa representação ocupa outra significação do cinema como experimentação, em que o foco não está apenas no produto final, mas sim em um processo de educação que ocorre durante todas as etapas.

A inserção do cinema como experiência em escola se torna operacionável através do olhar do Outro, em que inclui em um ambiente já conhecido outras particularidades que não estão presentes no cotidiano dos estudantes (GURSKY, 2013). Ainda de acordo com a autora, o diálogo entre cinema e educação só acontece pela experimentação, em que todo o processo se faz relevante.

O cinema, enquanto arte, essencialmente por essa razão, já é considerado nas escolas, entretanto, o fazer cinematográfico vai além da experiência em assistir filmes em sala de aula, assim Gursky afirma que: “A experiência do cinema como arte está relacionada à dimensão do sensível, daquilo que toca o sujeito e que, muitas vezes, não é passível de tradução” (p. 242, 2013). Dessa forma, faz-se ainda mais relevante apresentar a arte do cinema como uma possibilidade de experimentação, demonstrando também a ciência. Gursky ressalta que: “Isso porque a arte é capaz de despertar no homem o que há de mais contundente e essencial, trazendo à tona, numa brecha fugaz, o que faz dele realmente um sujeito. A arte talvez seja a forma mais aguda de apontar esse não lugar espacial do sujeito.” (p. 243, 2013).

O cinema como lugar de experimento, além de uma obra de arte pronta ou apenas exibida em alguma tela, é uma proposição ao pensamento coletivo. E no ambiente escolar, as possibilidades de trocas reflexivas, por meio do diálogo entre os sujeitos, atribui ao cinema o *status* da alteridade. O cinema, também observado na perspectiva de uma prática comunicacional colaborativa, pode ser observado pela lógica do encontro ou do experimento não individualizado, mas participativo. O filósofo Hans Gadamer (1998), sintetiza a experiência do fazer comunicacional à experiência da fusão de horizontes. Para que aconteça esta fusão de horizontes, é necessário exercitar a capacidade de se situar, minimamente, no horizonte do Outro. Segundo Gadamer (1998), é somente mediante a compreensão do contexto e do horizonte do Outro que podemos aumentar as capacidades inventivas das nossas técnicas comunicacionais, neste caso, a do cinema.

Ao encontro desta perspectiva, Paulo Freire (1989), também pondera sobre práticas e espaços de comunicação, que possibilitam a cada um dizer e expressar livremente a sua palavra. Na perspectiva da comunicação e não da extensão da informação, Freire explica que a escuta atenta ao universo do outro são condições imprescindíveis à ampliação da própria experiência comunicativa. Freire é um pesquisador atento às possibilidades da experiência metodológica como lugar de escuta e de aproximação entre sujeitos. Os veículos de

comunicação de massa, onde o fazer e o consumir são verticalizados, proporcionaram a este pesquisador um olhar crítico - e posteriormente propositivo - ao fazer comunicacional. O cinema, mesmo não sendo nomeado com ênfase em suas pesquisas, delimita-se a outras experiências audiovisuais educativas. A pedagogia freireana - sobretudo através da obra *A pedagogia da autonomia* (1997) -, é um lugar instigante para o aprofundamento de saberes que revisitam este lugar do cinema como experimento colaborativo, sobretudo quando se trata de reinventar metodologias de ensino-aprendizagem cinematográfica.

Assim sendo, o presente artigo retrata um dos tripés de sustentação que orientam a execução do projeto em que ressignifica o cinema aos estudantes, demonstrando que existe cinema e arte que cumprem uma função social importante na formação estudantil, e que está no amparo da experimentação, em que o foco principal das atividades desenvolvidas é dar forma às inquietações dos alunos por meio da experiência em estar por trás das câmeras e apresentar como resultado um curta-metragem em audiovisual que traduz em alguns minutos, meses de trabalho que envolvem estudos teóricos, propostas técnicas e a criatividade metodológica.

Por fim, o cinema como lugar de experimentação perpassa por um espaço em que considera a arte como um dispositivo em que diversifica uma narrativa que muitas vezes se torna uma única face, desse modo, reforça ainda mais o potencial multiplicador de polissemia (Gursky, 2013). É nesta polissemia de sentidos que também reside o caráter sociológico do fazer cinema. Em outras palavras, a experimentação cinematográfica, por mais que seja compartimentada em funções específicas - direção, produção, roteiro e montagem -, é relativa ao fazer em conjunto ou colaborativo. Assim, como será melhor exposto adiante, a experiência da produção cinematográfica pode ser definida como um experimento compartilhado, onde todas e todos aprendem juntos, claro, a depender de metodologias que possibilitem esses espaços de diálogo e interação.

Como forma de amplificar a potência do cinema na perspectiva da experiência colaborativa, visualiza-se como possível o diálogo interdisciplinar com os campos da comunicação e educação. O cinema experimental pode ser observado como dispositivo comunicacional amplo e em rede, tanto no sentido técnico como estético (GUTMANN, 2021). A experiência da produção não se condiciona a uma câmera, aos repositórios

exclusivos e de posse de poucas pessoas. A experiência cinematográfica no âmbito comunicacional - como dispositivo em redes cada vez mais multiforme -, amplia-se para o poder de registro, manipulação e veiculação de todos os envolvidos no processo. No caso aqui relatado, enquanto a experiência da gravação acontecia com algumas câmeras “autorizadas” (grifo nosso), outros celulares também captavam, reproduziam ou compartilhavam virtualmente outras imagens. No âmbito da educação, o cinema experimental é repensando não apenas a partir ou sobre o lugar/contexto da escola onde o filme é produzido, mas, sobretudo, porque a educação, como campo de saber, nos fornece saberes - sobretudo metodológicos - de como uma experiência técnica pode ampliar suas possibilidades criativas para o fazer coletivo.

O cinema a partir da relação comunicação e educação

O projeto aqui relatado, objetiva a prática e a compreensão do cinema colaborativo como um processo de aprendizado que acontece desde o momento em que o aluno passa pelo momento de conceituação, criação de ideias sobre qual filme fazer, até a projeção do curta produzido por eles. Também é uma experiência que perpassa estratégias de captação, a provocação da participação de cada um desde a elaboração de um roteiro até o clique com a câmera em mãos. Portanto, é possível compreender o cinema a partir da relação comunicação e educação em todo o processo criativo do filme. Ainda sobre a face colaborativa de criação dos filmes, em que os estudantes se reconhecem como produtores, o processo de educação acontece desde o primeiro momento, da discussão sobre a função do cinema e, sobretudo, quando a apropriação da câmera é efetivada:

Quando recebe uma câmara, o iniciante pode ficar extasiado com a quantidade de situações e pessoas passíveis de serem filmadas na aldeia e pode demorar algum tempo a compreender que realizar filmes é ter coragem de escolher, selecionar, ir por um caminho entre milhares de opções (LACERDA, 2018, p. 5)

Quando se aborda o cinema nesta seara da comunicação e educação, fala-se sobre o processo colaborativo entre dois campos do conhecimento: a comunicação como lugar de reverberação da informação e a educação como lugar sensível à compreensão das possibilidades temáticas do filme. É crucial estabelecer que o fazer cinema - na aproximação da comunicação com a educação -, “[...] é uma atitude eminentemente política” (LACERDA,

2018, p. 10). Este autor ainda salienta que deve ser levado em consideração o caráter formador do cinema como catalisador das demandas e urgências dos contextos de cada sujeito produtor. A isto também se somam as características do ambiente escolar, de socialização e de encontro.

O ambiente escolar - o lugar da educação - também é espaço protagonista de comunicação no âmbito tecnológico ou midiático. Mesmo não sendo uma disciplina curricular, a comunicação é visível em formato de murais, mídias sociais, ações de rádio ou mesmo de vídeo. São ações comunicacionais, muitas vezes protagonizadas de modo voluntário e espontâneo, seja por professores ou mesmo alunos. Esta aproximação entre comunicação e educação - que nos ajuda a entender a possibilidades criativas do/para o cinema - também provocou a criação de um outro campo do conhecimento, a educomunicação

Para fins educativos se torna mais interessante para nós, enquanto membros participantes do projeto não se torna relevante considerar o colaborativo como técnica ou metodologia, mas sim uma forma de troca entre os membros e participantes, e ainda se faz elementar assumir o viés humanístico em que antes de qualquer técnica ou metodologia estamos formando cidadãos em que se compreendam como protagonistas ativos da realidade, em que não desconsidere o afeto e troca possibilitados pelo projeto.

A educomunicação e o relato de práticas de experiência metodológicas

A educomunicação, constitui-se como lugar de leitura e como eixo motivador ao experimento criativo-crítico e lúdico das tecnologias e de suas linguagens, assim faz-se presente como marca metodológica que guia os estudos desenvolvidos e torna possível a realização de práticas e reflexões que unificam a comunicação e a educação.

A compreensão do cinema como um espaço de comunicação para o aprendizado colaborativo, de escuta atenta e de valorização do outro, é uma prática possível desde o campo da educomunicação (BRITO, 2022). Esta perspectiva teórica, também contempla a elaboração de estratégias, tecnologias e redes comunicacionais próprias ao desenvolvimento do projeto. Assim, a experiência do debate sobre o fazer cinema se expande para além do objetivo do filme em produção, pois se expande por meio de outros canais de interação.

A educomunicação se apresenta como um paradigma que direciona ações educativas e comunicativas nesta união entre a educação e a comunicação, de maneira que integra pessoas com diálogos diversos para a partilha de ideias, opiniões, propostas de ação e intervenção na sociedade. (BRITO, 2022, p. 49).

A proposição de pensar o cinema na perspectiva da educomunicação contempla a possibilidade de expandir o olhar da produção para o âmbito da experiência comunicacional. Em outras palavras, a produção cinematográfica, em diálogo com o campo da educomunicação, amplia suas possibilidades pedagógicas, sobretudo no que tange o olhar mais atento para a produção que excede o que está previsto no âmbito da gravação ou do registro específico para o filme idealizado.

O projeto aqui relatado, o “Cine Escola Guarujá”, como projeto de extensão, ampara-se na perspectiva freireana: “o papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos” (FREIRE, 1985, p. 34).

Nesta perspectiva do ensino-aprendizagem colaborativo, a educomunicação é um campo do conhecimento que considera os estudantes não como meros receptores, mas como atores sociais que são responsáveis também pelo processo de aprendizagem. Desse modo: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, n.p, 1985).

Além dos processos de aprendizagem que a educomunicação rege, é também possível pensarmos a metodologia como além da sala de aula, a partir de espaços onde esses alunos possam estar atentos às mídias que os cercam. Neste tempo hipermediático, é de extrema relevância a autonomia do cidadão em identificar e compreender as informações nas quais está exposto, preocupação essa muito cara aos estudos de educomunicação, como ressalta Soares:

As transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação (SOARES, p. 24, 2014).

Ainda se faz necessário considerar - para as práticas metodológicas da educação não formal -, a educação que não se produz em sala de aula, ou seja nas oportunidades de “aprendizado resultante da vivência cotidiana em todos os âmbitos dos relacionamentos

(trabalho, família, associações, igreja...), exposição aos meios de comunicação e às mídias sociais digitais” (Peruzzo, p. 81, 2017).

No contexto do projeto, se faz relevante incluir esse conhecimento de fora da escola, para assim incorporar as experiências vividas pelos estudantes e alinhar também aos saberes trazidos pelo grupo externo.

Em suma, o Cine Escola busca amparo na educomunicação para o aprofundamento das técnicas que serão desenvolvidas nas oficinas práticas, pensamos também em agrupar tanto as vivências e aprendizados que vem junto com os alunos, assim como os participantes do grupo que atuam como bolsistas e também como alunos em outro estágio do aprendizado, e assim quando os dois saberes se encontram em sala de aula é então criado um terceiro estágio que ressurge como educador e educando, na mesma proporção. Ainda de acordo com conceitos ligados à educomunicação em que:

Busca do protagonismo jovem, o componente político da educomunicação, na linha de atuação freireana, pode resultar em processos de conscientização das relações de opressão, e com isso, indicam o caminho da transformação social como objetivo final da libertação de todos e todas (HERTE, p. 144, 2017).

Por esta perspectiva teórica, foi possível dialogar sobre os filmes em produção não apenas como obras únicas e projetadas ao final das oficinas, mas como lugares de reflexão crítica sobre o que já estamos produzindo de imagens, bem como sobre os tantos outros conhecimentos compartilhados durante os encontros com os personagens entrevistados, por exemplo.

No objetivo em demonstrar o cinema como um espaço de aprendizado colaborativo, pondera-se acerca da metodologia enquanto processo dialógico identificado nas discussões dos alunos sobre o pensar o cinema como a arte do encontro com a vida comum, como assim define Vertov (2015, p. 38): “O campo de visão: a vida. O material para a construção da montagem: a vida. O cenário: a vida (cidades, povoados, vilarejos). Os atores: a vida (todas as pessoas e coisas animadas)”.

Afim de evidenciar a experiência dos primeiros encontros: as rodas de conversa sobre questões relativas à função/utilidade do cinema e que potencializaram o desenrolar do pensamento crítico da própria noção de vida, conforme define Vertov (2015), não de modo genérico ou metafórico, mas relacionado ao contexto, ao olhar para as desigualdades, bem

como para a necessidade de se pensar a justiça social, a sustentabilidade e a cidadania por meio do filme em produção.

Pondera-se, na sequência, sobre o aprendizado colaborativo que permite problematizar as novas formas de consumir os filmes e de se entender o cinema como ferramenta de emancipação pessoal e social. A isto, somam-se outras discussões iniciais sobre cinema que é acessado pela televisão, pela tela do notebook e cada vez mais por aplicativos, a revelar, portanto, que esses alunos se interligam, profundamente, ao contemporâneo imagético e que se constituem como consumidoras/produtoras de um cinema multi-tela. Este contexto, também denominado de cinema midiaticizado (SILVA, 2011), alerta-nos à compreensão das competências cinematográficas situadas em diversas fontes de entendimento, apropriação e aprendizado.

A irrestrita presença das telas também orientou as discussões das primeiras oficinas, despertando a atenção para os capitais imagéticos e também para o que já se produzia no contexto individual - sobretudo pelo aplicativo TikTok e em atividades escolares. Pondera-se, também, em inserir as redes sociais visando o alcance e engajamento desses alunos em observarem que as atividades propostas e realizadas no projeto, refletem também no consumo do que é feito fora da escola. Um exemplo é a criação da conta no *Instagram* (@cinescolaguaruja) em que nesse ambiente, são pensadas *trends* e postagens a partir da produção nas oficinas, com fotos feitas por eles, vídeos dos bastidores das gravações e conteúdos teóricos desenvolvidos nas oficinas.

Relatos dos passos metodológicos de um aprendizado colaborativo

As metodologias científicas objetivam conduzir o olhar do pesquisador na busca ou delimitação de algum objeto (BAUER, 2008). Já, as metodologias educativas partem do pressuposto de um objetivo a ser alcançado e, por isso, podem ser previamente elaboradas de maneira lógica ou racional (VEIGA, 1996). No entanto, há concepções ou definições teóricas sobre a noção de metodologia que ampliam o sentido construtivo e experimental. A noção de transmetodologia (ALMEIDA, R. C. de, & TORRE, 2020) é uma perspectiva possível e interessante de observação, sobretudo quando o nosso olhar se volta para a significação de

experiências metodológicas de ensino-aprendizagem. Considerar a metodologia não apenas como lugar de racionalidades, mas de construção e relação, é um dos objetivos que acercam a descrição da experiência relatada neste trabalho.

Os primeiros passos metodológicos - com o objetivo de proporcionar o ensino-aprendizagem audiovisual - estiveram atentos ao processo de conhecimento, aproximação e diálogo com os alunos participantes. Especificamente, as oficinas promovidas pelo projeto seguem uma lógica inclusiva, em que antes mesmo da primeira, o grupo buscava compreender a realidade que cerca esses estudantes, levando em consideração aspectos como: Qual será a estrutura da sala de aula? Serão disponibilizados computadores para todos e todas? Qual a idade dos participantes? Entre outras preocupações relevantes para entendermos qual é a melhor estratégia para a metodologia.

As primeiras oficina nas sextas-feiras (31/3; 14/4; 28/4; 12/5; 19/5) eram pensadas na seguinte lógica: Um primeiro momento teórico em que buscamos elucidar pontos do cinema como quando surgiu, qual o impacto no cotidiano, quais são os gêneros entre outros conceitos elementares para consolidação do conhecimento. Já no segundo momento da oficina, eram feitas atividades práticas em que criamos desafios para que os estudantes cumprissem, como por exemplo, criar uma composição de cores em fotografia dentro da escola. Após esses cinco encontros, tivemos uma conclusão de satisfação com as propostas para assim dar continuidade ao desenvolvimento do curta.

Os últimos encontros (26/5; 16/6; 30/6; 11/8) foram específicos para captação das imagens, em que o roteiro e a elaboração do material que iria ser de fato incluído no curta, assim essas oficinas foram feitas a partir do que já estava alinhado para captação. Assim, os encontros começavam já com as atividades práticas, em que os alunos saíam do ambiente escolar para captar as cenas na cidade, na praça ao lado da escola, nas casas dos próprios estudantes para filmagens que mostram a realidade próxima dos estudantes, como a rotina ao acordar por exemplo. Com isso Ribeiro estabelece que: “Potencializa a aprendizagem a partir da relação entre as pessoas, da interação entre elas e com o conhecimento.” (2015, p. 31).

Essa divisão dos encontros aconteceu por meio da preocupação em incluir a realidade que os cerca, a rotina dos estudantes, os locais que frequentam e assim construir a memória da

escola por meio do audiovisual. O protagonismo, assim como estudado através da educomunicação, é fator relevante para organização e aplicação das oficinas, em que o modelo tradicional de sala de aula, das mesas enfileiradas uma atrás do outra abrem espaço para um círculo das cadeiras e mesas, em que todos os alunos podem ser vistos e verem o que está acontecendo. Assim, o diálogo se torna horizontal e é tido como um poder de expressão que manifesta o teor democrático da educação (Ribeiro, 2015). Esta simples reordenação do espaço, das mesas e cadeiras, facilitam também o diálogo mais eficiente e proativo. Com essa atitude - que consideramos também metodológica - é possível estabelecer a introdução do cinema nas oficinas como uma “Arte que chama e mobiliza as pessoas (...) como uma Comunicação (diálogo) feito o elo que conecta as pessoas e para que a troca se faça e a Educação seja concretizada.” (Ribeiro, 2015, p. 33)

Considerações finais

Diante o exposto, pode-se observar que não é mais a sala escura do cinema ou a televisão que orienta a percepção dessas crianças sobre o que é o cinema, e sim um vasto panorama que compõem a experiência audiovisual na formação dos estudantes, entre eles as produções em redes sociais como Instagram e Tiktok. Percebemos que estas redes sociais fazem parte do cotidiano dessas crianças e jovens produtores de cinema. No intuito de entendermos o lugar e a função da metodologia colaborativa na produção cinematográfica, percebemos que é necessário levar em conta esta afetação/produção de conteúdos via redes sociais. Assim, aplicar a educomunicação e alfabetização visual para esses alunos é estar atento aos elos entre o que é consumido fora da sala de aula e os conteúdos que estão sendo apresentados/propostos pelo projeto.

No momento de escrita do presente trabalho, o projeto segue em andamento assim as perspectivas aqui relatadas ainda estão em movimento. Desse modo, as oficinas seguem uma ordem dividida em dois momentos: um primeiro momento era voltada para conceitos como a importância do cinema, um breve panorama histórico e questões em que envolvem a relação de cada aluno com o cinema (o que consomem por seus dispositivos e redes); o segundo

momento é dedicado para aplicações técnicas, em que os estudantes ficam em contato com as câmeras, desenvolvendo atividades práticas como fotografias e filmagens.

Percebe-se - por meio desta experiência - que as redes sociais são um lugar de motivação para a criatividade, sobretudo para a exibição das produções autorais. O presente trabalho discorre acerca desses ensinamentos - como produção de cards, legendas e outros atributos - que contemplam não apenas o audiovisual em si, mas que integram o universo desses alunos e a relação de cada um com o que entendem como audiovisual, cinema e comunicação digital.

Portanto, e como resultado inicial, pretende-se revelar a produção cinematográfica no âmbito da alfabetização como um processo decorrente de metodologias ativas em diálogo com os saberes da educomunicação, do cinema como arte de intervenção social e de ressignificação do uso das tecnologias digitais de modo colaborativo. A isto, também é possível relacionar a alfabetização cinematográfica construída pelo exercício da imaginação criativa, que se concretiza quando as crianças têm a oportunidade, a liberdade e a motivação de dizerem a sua palavra, resultando em um protagonista e observando a si próprios como agente ativo da realidade que os cercam.

Por fim, esses relatos metodológicos de um aprendizado colaborativo também dizem respeito aos processos de produção das imagens dos filmes, da decupagem que deu origem à construção dos roteiros, de dois curtas-metragens e, sobretudo, à experiência da exibição em praça pública, por meio da I Mostra de Cinema de Guarujá do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: metodologia; cinema; educomunicação; comunicação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. C. de, & TORRE, A. E. M. G. de la. (2020). Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação. **Comunicação & Educação**, 25(2), 94-103.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRIANEZI, T.; GATTÁS, C. A EDUCOMUNICAÇÃO COMO COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 21, n. 41, 2022. DOI: 10.55738/alaic.v21i41.908. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/908>. Acesso em: 7 ago. 2023.

BRITO, M. C. R.; SENRA, R. E. F.; LUIZ, T. C. **Educomunicação como forma de resistência às adversidades atuais e integração da comunidade escolar da periferia**. **Revista Labor**, v. 1, n. 27, p. 347-360, 6 jul. 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrênia. Volume 01. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FREIRE, PAULO. **Extensão ou Comunicação?** 15ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação e cinema na escola**. **Revista teias**, v. 8, n. 14-15, p. 13, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24008> Acesso em 02 agosto 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Extensão ou comunicação?** 5e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GURSKI, Roselene; VASQUEZ, Carla; MOSCHEN, Simone. Psicanálise, Educação e Cinema: diálogos possíveis. **Estilos da Clínica**, v. 18, n. 2, p. 234-250, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/79846> Acesso em 3 ago. 2023.

GUTMANN, J. F. **Audiovisual em rede: derivas conceituais**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

LACERDA, Rodrigo. O cinema indígena colaborativo do Vídeo nas Aldeias e o Patrimônio Cultural Imaterial. **Memoriamedia**, n. 3, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/63562> Acesso em 14 agosto de 2023.

MORAES, Cláudia Herte de. Soares, Ismar de Oliveira, Claudemir Edson Viana, and Jurema Brasil Xavier (org). "**Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**." São Paulo: ABPEducom. Prefixo Editorial: 68365 ISBN: 978-85-68365-07-6 São Paulo, 05 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/1> Acesso em 7 de Ago 2023.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Soares, Ismar de Oliveira, Claudemir Edson Viana, and Jurema Brasil Xavier (org). "**Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos**

paradigmas para o diálogo intercultural." São Paulo: ABPEducom. Prefixo Editorial: 68365 ISBN: 978-85-68365-07-6 São Paulo, 05 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/1>> Acesso em 7 de Ago 2023.

RIBEIRO, Raquel A Escola é cidade : a cidade é escola : a educomunicação aplicada à arte / Raquel Ribeiro, com colaboração de Baixo Ribeiro e Alexandre Le Voci Sayad. -- 1. ed. -- São Paulo: **Choque Cultural**, 2015.

SILVA, Dafne Reis Pedroso da. **A pesquisa sobre recepção de cinema e a construção metodológica do conceito de competências midiáticas.** In. MALDONADO, Alberto Efendy (Org). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.**

Disponível em: <<https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf> >. Acesso em: 06 abril de 2023

SOARES, I. de O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>>. Acesso em: 7 ago. 2023.

VEIGA, I.P.A. **Didática: O ensino e suas relações.** Papirus: Campinas. 13 ed. 1996

VERTOV, Dziga. **Pronunciamento em um debate (na sala de cinema Málaia Dmítrovka - 1923).** In. LABAKI, Amir (org.). A verdade de cada um. São Paulo: Cosac Naify, 2015.